 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 018. Antropologia dos Esportes: desdobramentos epistemológicos e teórico-metodológicos nos estudos das práticas esportivas

Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) - Coordenador/a, Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF) - Coordenador/a, Mônica da Silva Araujo (UFPI) - Debatedor/a Este grupo de trabalho ? fruto de estudos e esfor?os da antropologia brasileira em compreender das pr?ticas esportivas em sua interface com a sociedade. Nos ?ltimos encontros da RBA (desde 2000) e da RAM (desde 2001), compreendemos que o esporte institucionalizado e as pr?ticas esportivas est?o cada vez mais presentes na vida dos sujeitos e t?m adquirido maior visibilidade, tanto no cen?rio brasileiro, quanto no Sul-americano. Como efeito, vimos um aumento exponencial representado no n?mero de pesquisadoras/es (seja na qualidade dos trabalhos, seja na amplitude tem?tica), e tal aspecto se reveste no incremento (e verticaliza??o) de problem?ticas concernentes ? ?rea. Nesse sentido, ? no espa?o do GT que aprofundamos e refinamos alguns debates mais cl?ssicos da antropologia, como conceitos de identidades e etnicidade, teorias do indiv?duo e da pessoa, usos do corpo e estruturas de poder, al?m de outros mais contempor?neos, como as quest?es de g?nero, sexualidade e erotismo, interseccionalidades, novas subjetiva?es e as pr?prias pr?ticas esportivas. Essas tem?ticas emergem de etnografias densas e plurais, que abordam distintas modalidades esportivas como o futebol, v?lei, basquete, rugby, lutas e artes marciais, esportes de aventura, ciclismo, nata??o, dan?a e outras. O objetivo deste GT, portanto, ? possibilitar e dar manuten??o ao espa?o de di?logo, trocas, interlocu??o e colabora??o entre pesquisadoras/es envolvidas/os com o universo dos esportes.

?Melhor ter ela a favor do que contra?: inserção e reconhecimento de mulheres transexuais e/ou travestis em times feminino de voleibol de alto rendimento em Campo Grande (MS)

Autoria: Andrey Monteiro Borges, Tiago Duque

Resumo: este artigo busca analisar possibilidades de inserção e reconhecimento de mulheres transexuais e/ou travestis que jogam em times femininos de voleibol de alto rendimento na cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. Para isso, é levado em consideração também a cena brasileira, devido a influência midiática de casos envolvendo campeonatos nacionais. O método de pesquisa utilizado foi a etnografia off-line (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008) e on-line (MISKOLCI, 2011). No ambiente off-line, a observação participante se deu a partir de um campeonato local, envolvendo entrevistas semiestruturadas com duas interlocutoras. No que se refere ao ambiente on-line, foi desenvolvido work de campo em jornais e nas redes sociais. Entendendo que esses ambientes off-line e on-line se retroalimentam, buscamos problematizar quais são os poderes/saberes (FOUCAULT, 2008) que legitimam, ou não, essa inserção das jogadoras transexuais em Campo Grande. Assim como, percebemos o quanto a categoria travesti deixa de ser usada no contexto do vôlei de alto rendimento, mas não necessariamente é abandonada pelas interlocutoras, pois, em certa medida, essas identidades raramente são construídas de forma centrada em categorias fixas e permanentes (VENCATO, 2003). Os dados apontam para o quanto essas jogadoras transexuais e/ou travestis têm sido vistas não apenas como ameaças possíveis à ordem de uma matriz de integibilidade/reconhecimento de gênero (BUTLER, 2013), mas, a partir do momento em que elas estão inseridas em quadra, também começam a fazer parte da estratégia de jogo do time em busca da vitória. Por mais que essas mulheres transexuais sejam legalmente reconhecidas como tal, há um antes ?homem? que não é esquecido, pelo contrário, é constantemente lembrado. A existência do órgão genital masculino em um corpo passável enquanto feminino (DUQUE, 2017) as alocam em um lugar de abjeção (BUTLER, 2018), mas

 ISBN: 978-85-87942-61-6

também de suposta virilidade, o que se torna, na lógica local, um fator decisivo para uma possível superioridade em quadra. Isto é, o corpo da mulher transexual é visto como um corpo capaz de anular ou diminuir todo o treinamento e práticas de jogo de mulheres não transexuais, por isso ela é vista, em alguns casos, disputadas pelos times. Neste sentido há uma possibilidade de inserção e reconhecimento, algo que poderíamos chamar de ?reconhecimento tático e estratégico de jogo? que vai além de uma possível visibilidade trans positiva. Existe, dentro da lógica de inteligibilidade do sistema esportivo, uma maneira de inserção dessas transexuais nos time que as contrataram visando benefícios para o grupo, mas que não necessariamente as reconhece como mulheres.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**